

A ALIMENTAÇÃO EM MARTE: a higiene da alma numa autoficção de José Nunes da Matta (1921)

Maria Luísa Malato¹

ILCML / Universidade do Porto

Resumo: *História Autêntica do Planeta Marte* é uma utopia portuguesa escrita por José Nunes da Matta (1849-1945) e publicada em 1921 durante os conturbados tempos da I República de Portugal (1910-1926). Na capa do livro e na ficção, José Nunes da Matta apresenta-se como “tradutor” de um relato histórico de Henri Montgolfier, revolucionário francês que tinha abandonado a Terra no início do século XIX. Nesse relato se descreve um “estado ideal” no planeta Marte, onde a gestão dos recursos naturais do planeta tinha sido resolvida em correlação com os conflitos internacionais (linguísticos, racionais ou económicos). O exemplo de Marte seria útil para o planeta Terra, recentemente abalado pela I Guerra Mundial (1914-1918), e especialmente para Portugal, desgastado pela participação na guerra e pelas dissidências políticas internas entre os revolucionários da I República. A obra de José Nunes da Matta dialoga com bem conhecidas reformas políticas ou morais (inspiradas nos preceitos de higiene moral do Barão de Feuchtersleben, na sociologia de Malthus ou na teoria das espécies de Darwin). Esta utopia mantém também uma evidente atualidade por conceber a gestão dos recursos alimentares como parte de uma vasta ação política (das leis que regulam a floresta aos programas de saúde pública).

Palavras-chave: Estudos sobre Alimentação, Utopia, Constituição política, Inclusão/ Exclusão, Viagens interplanetárias

Abstract: The Authentic History of the Planet Mars is a Portuguese utopia written by José Nunes da Matta (1849-1945) and published in 1921, during the disturbed times of the First Portuguese Republic (1910-1926). On the cover and in the plot, José Nunes da Matta presents himself as the “translator” of a historical report of

Henri Montgolfier, a French revolutionary who left Earth at the beginning of the 19th century. He describes an “ideal state” on Mars, where the administration of natural resources had been solved in its connection with international conflicts (justified with different languages, races or economic benefits). The example of Mars could be useful for the Planet Earth, recently devastated by the first global war (1914-1918), and especially for Portugal, between the war in Europe and internal dissidences among Republicans. Matta’s utopia dialogues with several well-known political or moral reforms (inspired by Baron of Feuchtersleben’s medical philosophy, Malthus’s sociology, or even Darwin’s theory of evolution). Remembering his utopia is still relevant now nowadays, as he suggests that the administration of food should be seen as a small part of a vast political action (from the laws regulating the forest to public health programmes).

Keywords: Food studies, Utopia, Political Constitution, Inclusion/ Exclusion, Interplanetary Travels

“Toute cuisine révèle un corps en même
temps qu’un style, sinon un monde.”

(Michel Onfray, *Le Ventre des Philosophes*)

História Autêntica do Planeta Marte é uma obra estranha e rara. Pelos dados da capa aparenta ser a tradução portuguesa de um antigo livro em francês sobre o planeta Marte, da autoria de Henri de Montgolfier: o livro tem a aparência de um livro científico: nas folhas interiores, encontramos um mapa do planeta, com a representação dos comuns canais de Marte e algumas considerações matemáticas sobre as coordenadas do planeta, os meridianos e a duração dos dias, meses e anos em Marte, comparados com os do planeta Terra. Ainda na capa, o nome de José Nunes da Matta figura como tradutor do texto de Henri de Montgolfier. No exemplar que consultámos, há até uma dedicatória manuscrita que parece confirmá-lo: “Ao seu estudioso amigo e distinto aluno do liceu, Sr. Ant.^o Bs.^o [?] Lopes de Oliveira, em nome do autor, oferece o tradutor/ José Nunes da Matta”. Uma “Explicação prévia do tradutor” (entre as páginas III e IV do texto impresso, datadas de 1 de outubro de 1921, ano da edição) revela que José Nunes da Matta, tendo encontrado o

original francês numa praia de Guernesey, no interior de um aerólito, o tinha traduzido por amor da Humanidade (Matta, 1921: I).

Uma leitura mais atenta prova-nos que o “tradutor” José Nunes da Matta é o seu verdadeiro autor. O que parecia ser um livro científico, tem afinal informações exageradamente precisas sobre as linhas de caminho-de-ferro, a fauna, a flora, os habitantes, a agricultura, a economia, a alimentação no planeta Marte. Na contracapa, encontramos uma lista de outras obras do “Autor”, muitas delas usadas em notas do texto: *Apicultura prática mobilista* (1915), *Divagações em verso. Paz e esterilização* (1936b), *A guerra às árvores feita pela própria lei e a sua nefasta influência na apicultura e turismo* (1921b)....

Torna-se depois evidente a contraposição utópica: sendo a fauna, a flora e os habitantes do Planeta Marte muito semelhantes à fauna, flora e habitantes do Planeta Terra, são bem distintas as políticas agrícolas, comerciais, industriais a que eles se encontram sujeitos. O que é bem gerido em Marte é mal gerido na Terra.

1. Utopia e autoficção

Este jogo inicial entre José Nunes da Matta-autor e José Nunes da Matta-tradutor exige-nos alguma precisão terminológica.

Desde logo, referimos a que opõe o autor José Nunes da Matta ao narrador com o mesmo nome. O autor José Nunes da Matta é um ser real, nascido na Sertã, a 2 de janeiro de 1849, e falecido a 19 de janeiro de 1945, na Parede, perto de Cascais. Era Professor Auxiliar de Ciências na Escola Naval, um republicano convicto, deputado na Assembleia Constituinte, amigo de Bernardino Machado (cf. Lima 2010). O narrador José Nunes da Matta é uma entidade de papel, que descreve em dois paratextos (um texto introdutório e uma nota final explicativa) como encontrou, traduziu e perdeu o manuscrito de Henri de Montgolfier.

Ainda que útil, este binómio autor vs. narrador não é suficiente para analisar a complexidade do jogo de espelhos existente na *História Autêntica do Planeta Marte*. Devido à quantidade e qualidade das suas intervenções, o narrador-José Nunes da Matta remete-nos ainda para uma personagem, também ela chamada José Nunes da Matta. Há pois que

considerar a pertinência autor vs. narrador vs. personagem. O que não é uma questão menor: José Nunes da Matta é uma personagem interventiva na intriga, já que, não só comenta o que vai dizendo Henri de Montgolfier, como age na intriga, imbuída de uma missão salvífica: intenta a tradução do manuscrito, anota o texto traduzido com referências à obra de José Nunes da Matta-autor, e empreende uma viagem para entregar o original de Montgolfier no Museu do Louvre. E fá-lo, não só para que se cumpram os desejos de Henri de Montgolfier, mas também porque o testemunho de Henri de Montgolfier (pseudo-autor do relato) se confunde com o dele (pseudo-narrador e tradutor do relato).

A intriga liminar de José Nunes da Matta (autor-narrador do nível extradiegético-personagem) vai-se duplicar depois ao nível intradieético: também Montgolfier é apresentado como autor de um livro sobre a história do planeta Marte, relato de que se tornará o narrador (intradiegético) e uma das personagens. Nascido e educado no espírito reformista da Revolução Francesa, Montgolfier tinha-se desiludido com o percurso revolucionário francês nos finais do século XVIII, tal como José Nunes da Matta com as reformas republicanas no Portugal do século XX. Montgolfier começara a construir um bólido para sair do planeta Terra pouco depois da subida ao poder de Bonaparte, partindo a 15 de agosto de 1804, durante uma chuva de estrelas cadentes, antes da Coroação do Imperador Bonaparte, a 2 de dezembro daquele ano. Também José Nunes da Matta se diz em estado melancólico nas praias de Guernesey, no dia em que vê cair do céu o aerólito em que se encontra o manuscrito de Montgolfier. Também José Nunes da Matta, como Montgolfier, se tinha empenhado politicamente na construção de um mundo revolucionário em Portugal. Também ele tinha pugnado por uma facção moderada da revolução e tal como Montgolfier acabara por se sentir traído pelo oportunismo político. Registe-se como pormenor significativo que Henri Montgolfier leva alguns fatos de lã, e vai ingerindo, até perder a consciência, um portuguesíssimo “vinho velho do Porto misturado com água e mel” (Matta 1921: 9).

Torna-se assim útil também distinguir dois níveis de narração (um extradiegético e outro intradieético), relativos ao domínio da voz narrativa, de semelhante importância qualitativa, ainda que de extensão textual diferente (cf. Genette 1972: 238-241). Se o leitor

accede ao texto do narrador Henri de Montgolfier, fá-lo através do narrador José Nunes da Matta, entidade que encontrou, traduziu e comentou o manuscrito. José Nunes da Matta é pois, na terminologia de Genette, desde o início do livro, um narrador do nível extradiegético que condiciona a leitura do manuscrito de Montgolfier, o narrador do nível intradieético. Tal condicionamento é reforçado no final do livro: findo o relato do narrador intradieético Montgolfier, encontramos ainda um texto assinado pelo narrador do nível extradiegético José Nunes da Matta, sobre a interpretação política que o leitor deve fazer do texto de Montgolfier, o narrador do nível intradieético.

Este condicionamento da leitura parece demonstrar a pertinência de um outro conceito operativo: o de “autor-modelo”, tal como definido por Umberto Eco: ele “é a voz, ou a estratégia, que confunde os vários presumíveis autores empíricos, de modo que o leitor modelo não pode deixar de ficar enredado nesse estratagema catóptrico” (Eco 1995: 26). O conceito de Eco redefine um termo já usado por Wayne Booth: o de “autor implícito” (a versão textual do autor-real), em que o pensamento do autor se deduz da perspetiva dominante no texto (Booth 1961: III). Mas sublinha a sua subtileza retórica: trata-se de baralhar o leitor, crente na fronteira existente entre o real/ a verdade e a literatura/ a mentira.

Ora é precisamente por causa dessa estratégia retórica que nos parece útil retomar aqui o conceito de “autoficção”, já que o conceito de “autor modelo” não obriga, por si, como o de “autoficção”, a uma contraposição violenta dos elementos biográficos (o espaço e o tempo em que se move o autor empírico José Nunes da Matta) e dos elementos fictícios (o tempo e o espaço em que se move o autor modelo José Nunes da Matta). E todavia, a autoficção fundamenta frequentemente a utopia, a começar pela de Thomas More: também aí More aparece como autor, narrador e personagem, em diálogo com Hitlodeu. O conceito de “autoficção”, derivado da crítica literária francesa, ou o termo inglês “faction”, aglutinação de “fact” e “fiction”, reúne com efeito elementos que superam a da oposição realidade/ textualidade ou a de leitura explícita/implícita. A definição proposta por Vincent Colonna (2004) baseia-se na possibilidade de, na autoficção, o autor se projetar numa autobiografia imaginária. A definição de autoficção proposta por Genette parece-nos, para

este efeito, ainda mais adequada aqui, já que não exige a verosimilhança dessa projeção autobiográfica, e se baseia antes na possibilidade de se combinarem livremente três identidades, a do autor, a do narrador e a da personagem, num espaço/ tempo fictícios, em rutura com os dados espaço-temporais conhecidos da biografia do autor (Genette 1991). Segundo Genette, a autoficção não é uma falsa autobiografia, mas coloca o autor num espaço e num tempo claramente fictício, que o confunde, no texto, com uma personagem, depois de o apresentar com um narrador. A autoficção liberta aqui o autor do seu contexto espaço-temporal: uma praia de Guernesey, a 31 de janeiro de 1885. Mas, mais do que situar o narrador num espaço fictício, a autoficção liberta o autor do relato verosímil, ou seja, da verdade em que acreditamos por hábito ou circunstância.

2. Saber e Sabor

Em 1921, ou seja, no mesmo ano da publicação da *História Autêntica do Planeta Marte*, saiu em Portugal a 10.^a edição em português do livro *Higiene Moral*, do Barão de Feuchtersleben (*Zur Diätetik der Seele*, 1838), numa “versão portuguesa” do escritor Ramalho Ortigão. Reportando-se à ligação entre pensamento e digestão, Ramalho Ortigão termina o prólogo realçando que “Ter vontade de tomar sentido e ter vontade de comer, são dois factos correlativos. A primeira coisa, para começar, é não ter fastio” (1921, XV). A analogia responde a uma das propostas do livro de Feuchtersleben: “a hygiene moral é exatamente a sciencia de pôr em obra o poder que a alma possui de preservar pela sua acção a saúde do corpo” (Feuchtersleben 1921: 2). Feuchtersleben apresenta-se como um continuador de Lavater, e pretende promover formas de comportamento corporal que condicionam o bem-estar individual e coletivo. Para Ramalho Ortigão, companheiro de jornada da Geração de 70, trata-se ainda de uma forma de pensar o condicionamento do indivíduo pelo meio. Mas uma das questões filosóficas fundamentais para Ramalho Ortigão é a que reencontramos ainda em José Nunes da Matta: “Dispomos nós do poder de nos determinarmos a um acto com a consciência de termos podido determinar-nos por outro?” (Ortigão, pref. Feuchtersleben 1921: VII). Ou, de outra forma: pode a adoção voluntária de

um determinado estilo de vida (os alimentos que ingerimos, a paisagem em que nos movemos, a arte a que nos devotamos) condicionar o nosso comportamento social?

A referência à alimentação nas obras literárias é invariavelmente um estratagema para chamar a atenção do leitor para algum importante, seja na narrativa, intriga, caracterização ou intencionalidade do discurso (Fitzpatrick 2013: 122). Mas não é de somenos importância a frequente identificação entre “saber” e “sabor”, que em comum teriam até a etimologia (cf. Barthes 1988: 22). O ato de conhecer, ao nível do autor/narrador ou ao nível do narrador/ personagem, pressuporiam sempre uma forma de nutrição do espírito, em tudo semelhante ao do corpo:

Assim como os escritores falam de cozinhar uma história, [...] também nós, os leitores, falamos de saborear um livro, de encontrar nele alimento, de devorar um livro de uma assentada, de regurgitar um texto, de ruminar um excerto, de enrolar na língua as palavras de um poeta, de se banquetear com poesia, de fazer uma dieta de policiais. (Manguel 1998: 179-180)

O paralelismo entre a aprendizagem do novo mundo e a ingestão de alimentos tem desde logo um primeiro paralelo nos livros de Feuchtersleben e José Nunes da Matta. A distinção entre o “corpo” (perene) e a “alma” (eterna) não existe em Marte (Matta 1921: 61): estaria bem próxima da que é dada pelo Barão de Feuchtersleben, claramente aristotélica: “a alma não se revela senão pela sua união com a matéria” (Feuchtersleben 1921: 4 e 7, cf. Aristóteles, *Sobre a Alma* 403a).

A definição de alma pressupõe também a noção de apetite, “isto é, o próprio desejo do aprazível” (Aristóteles, *Sobre a Alma* 414b) e justifica, sempre que haja uma situação de fastio, ou desinteresse pela vida, um processo catártico, de purificação, que liberte o corpo, como o espírito, das toxinas. Citando Hufeland, célebre médico setecentista, autor de *Makrobiotik* (1796), Feuchtersleben aconselhava as pessoas que queriam prolongar a vida, a “regular pela vontade as dejeções alvinas de cada dia” (Feuchtersleben 1921: 193). A toda a digestão corresponde uma excreção: alterado este processo oscilatório, acentuar-se-iam as doenças físicas, as depressões, as psicoses, os fenómenos de hipocondria ou de “tísica imaginária” (*Ibid*: 33).

No livro de José Nunes da Matta, a letargia de Montgolfier é uma metáfora da depressão em que ele tinha caído, e essa letargia do melancólico tornar-se-ia um desafio para os médicos de Marte como para os utópicos da Terra: como devolver à vida um ser que parece ter desistido dela? Montgolfier responde com o que chama o “stock de vitalidade” (Matta 1921: 14) e Feuchtersleben (na versão de Ramalho Ortigão) a “força vital”. Ambos sublinham a existência duma energia material, ou seja, guardada pelo corpo, que muitas vezes contraria o espírito descrente.

A primeira lembrança que o narrador Montgolfier tem de Marte é a de ser limpo e alimentado por massagens e alimentos/ medicamentos que o fazem renascer:

Quatro gigantes estatuários, com larga fronte, de grandes olhos brilhantes e inteligentes, d’uma expressão mui doce, serena e meiga, rodeavam o meu leito. [...] Assim que os quatro sábios tomaram conta do meu corpo, imediatamente, por meio de lavagens estomacais e intestinais e sensatas massagens exteriores, fizeram sair para fora tudo o que havia no estômago e intestinos (Matta 1921: 11 e 12).

A referência explícita a Hufeland, na obra do Barão de Feuchtersleben, parece estar implícita na utopia de José Nunes da Matta: em Marte cultiva-se “a arte de prolongar a vida”, morre-se de velhice, atingindo cada marciano uma vida média de 120 anos, unicamente por cuidar da energia material e da higiene do corpo (*Ibid*: 115). No *Traité de Médecine d’Alimentation et d’Hygiène Naturalistes*, de Paul Carton, publicada em 1920, encontramos a mesma referência a esta “énergie matérielle”, que irmana tudo o que é vivo, do mais simples ao mais complexo (células, plantas, animais e homens), da parte ao todo (do assimilado ao assimilador). O livro de Carton alude mesmo àquela variável capacidade de assimilação de energia (fogo), existente na respiração (ar), na alimentação líquida (água) e sólida (terra), decisiva na fase mais debilitada do organismo, quer em estado de letargia, quer no início da vida: serão eles os “quatro sábios” a que o texto de José Nunes da Matta se refere? Em todo o caso, também o texto de Paul Carton sublinha que a simplicidade digestiva do alimento deve sempre anteceder a sua complexidade:

L'alimentation doit être d'abord liquide, lixiviante, hypoazotée, hypotoxique, puis fluide céréalienne, enfin solide, harmonique et plus substantielle. [...] il n'y a qu'un besoin à satisfaire, celui qu'exige la nature par les sensations d'anorexie et d'assoiffement, par le dégoût de la nourriture, la sécheresse de la bouche, l'empâtement de la langue, l'amertume du goût, l'échauffement de la fièvre, par la rareté des sécrétions salivaire, sudorale et urinaire et par les irritations douloureuses. (Carton 1920 : 181)

Também o livro de José Nunes da Matta vai descrevendo as diferentes fases da reabilitação do corpo e do espírito de Montgolfier, com uma calendarização semelhante à do recém-nascido: a alimentação sólida só gradualmente é inserida, depois de 30 dias apenas a líquidos. E não será por acaso a crescente complexidade das artes terapêuticas que renovam o espírito: a música e o canto, antes das demais. À música se vão seguindo a dança, a observação de imagens (pinturas, fotografias, mapas). Só depois o exercício da música, da pintura, da fotografia, a leitura, a concretização da paixão amorosa. E finalmente, culminando todas, a prática da escrita, que culminará no texto sobre a história do planeta Marte (Matta 1921: 13-17, 29-31 *et passim*).

Do elogio tripartido da Imaginação, Vontade e Cultura Intelectual, o livro de Feuchtersleben reúne numerosas reflexões sobre o efeito terapêutico do sonho e das artes, nomeadamente a arte da música, a da harmonia por excelência. A Imaginação revela-se a ponte de passagem entre o mundo físico e o mundo mental (Feuchtersleben 1921: 27, max. 35). O medo, a confusão, o aborrecimento têm um efeito epidémico: só podem ser combatidos com igual efeito da alegria, da percepção da harmonia e da esperança: “Assim como, durante o somno, os sonhos desfadigam a alma da sua luta trabalhosa com o mundo physico, assim quando acordamos, a arte [...] nos reanima a vida prestes a sucumbir sob o pezo oppressor da realidade” (cf. *Ibid*: 41). A escrita de uma utopia configuraria então uma situação de vontade e imaginação, regra primordial da sobrevivência:

Melhor seria o remedio se o doente soubesse prepara-lo por si mesmo, ou se quisesse pelo menos aprender a prepara-lo em sua alma. Porque a vontade é uma faculdade que se pode desenvolver por um estudo assíduo, é permitido dizer-se em certa accepção que nós aprendemos a querer. (Feuchtersleben 1921: 46)

3. Utopia e Alimentação

Estando a vida dependente do alimento, o tema da alimentação está presente em quase todas as utopias, sejam elas, na terminologia proposta por Lyman T. Sargent, as sociedades ideais criadas pelos deuses ou a Natureza (“body utopias”), ou recriadas pelos homens (“city utopias”):

No hunger was central to most, together with no work or at least no hard work, no fear of wild animals, no death or no easy death, [...]. Everyone has to be fed, and every utopia must have arrangements in place so that food is available as needed, and in utopias such arrangements are closely related to the entire economic, political, and social structures of the society. (Sargent 2015: 14-32)

Não nos surpreende que a *Historia Autêntica do Planeta Marte* trate com algum pormenor as questões ligadas aos alimentos: são várias as obras de José Nunes da Matta que atestam o seu empenho na política agrária. Procurou promover legislação que protegesse as árvores e as abelhas, não só pelo imediato potencial económico da floresta e da apicultura, mas sobretudo pela riqueza indireta que criavam, influenciando a qualidade dos solos, a fertilização das plantas, a qualidade da indústria e comércio de derivados, mas também o bem-estar dos que usufruíam da agricultura, ou até do turismo ligado à paisagem agrícola ou florestal. Na *História Autêntica do Planeta Marte*, as árvores são um dos elementos da Natureza que o Marciano mais preza. As árvores dão madeira, fornecem alimentos, guardam princípios ativos de muitos medicamentos. Discretamente protegem os terrenos agrícolas da erosão ou fornecem oxigénio aos espaços urbanos. De forma quase invisível, oferecem-nos o seu *stock* de vitalidade: a sombra, o repouso, o prazer que dão a quem as contempla, renovam-nos a vontade de viver (cf. Matta 1921: 47 ou 60).

Na Parede, localidade dos arredores de Lisboa onde José Nunes da Matta passava metade do ano, José Nunes da Matta foi pondo em prática alguns dos seus princípios políticos: procurou proteger a costa das casas de veraneio, tal como sucedia então em Cascais: alegava o direito de todas as classes a usufruírem da paisagem marítima e, para manter tal direito, comprou muitos dos terrenos aos pobres que os vendiam sob pressão do

mercado imobiliário, doando-os depois ao município. Membro da Maçonaria, José Nunes da Matta viria nela a escolher o nome de Júlio Graco, evocando talvez simultaneamente Júlio César e os irmãos Graco, reformadores das leis políticas e agrárias de Roma. Por sua inspiração se viriam a instalar na Parede, desde finais do século XIX, outros importantes republicanos e maçons, como João de Arriaga, João Luís Ricardo, José Lopes de Oliveira, Barbosa de Magalhães e Orlando Marçal. Entre eles se contaria a família de José Lopes de Oliveira, a quem o exemplar do livro que consultámos teria sido oferecido, segundo a dedicatória que referimos *supra*².

Uma comparação entre os dados biográficos de José Nunes da Matta e os de Henri de Montgolfier pode ajudar a ler alguns eixos de reflexão propostos sobre as reformas necessárias no planeta Terra e em Portugal. Quer José Nunes da Matta-autor quer José Nunes da Matta-narrador do nível extradiegético se encontram desiludidos com a Revolução política. Os esclarecimentos de José Nunes da Matta sobre possíveis leituras do seu texto à luz da Revolução Russa em curso, expressas na “Explicação final do Tradutor”, atestam a sua moderação política. José Nunes da Matta deseja uma Revolução serena, sem destruição das instituições vigentes. Cremos não ser por acaso o encontro do aerólito em Guernesey, ilha “sem-lugar”, terra de exilados, miticamente presente nos leitores de Vítor Hugo (cf. Malato 2014b: *online*).

O mesmo se passa ainda com Henri de Montgolfier-narrador do nível intradieético. Montgolfier tem uma decisiva crise de melancolia a 18 de Brumário, dia do calendário de Robespierre que, segundo o narrador, corresponde a 5 de outubro de 1799 (cf. Matta 1921: 6). Não nos parece inócuo que o 5 de outubro seja aqui referido (ainda que a data nos pareça estar errada, porque a expulsão do Conselho dos Quinhentos ocorreu a 10 de novembro de 1799 pelo calendário gregoriano). Não nos podemos esquecer ter esta sido a data da implantação da República em Portugal, exatamente 111 anos depois, em 1910. Também nos parece significativo o facto do narrador José Nunes da Matta se encontrar em Guernesey na noite de 31 de janeiro de 1885: como se a melancolia que explica o passeio solitário à noite, pelos penhascos da beira-mar, fosse uma espécie de prenúncio do que iria suceder na Revolta do Porto, a 31 de janeiro de 1891, quando se malogra a esperança de

uma República moderada. Estes cruzamentos espaço-temporais (França, Revolução Francesa/ Portugal, Implantação da República) – ainda que sistematicamente (e por isso voluntariamente?) imperfeitos – justificarão sobretudo algumas considerações sobre as metamorfoses da economia agrícola ao longo dos séculos XVIII e XX. O fisiocratismo francês do século XVIII e a industrialização agrária em Portugal no século XX apresentam-se como dois paradigmas reconstruídos em Marte para futuro uso da Terra. As notas de rodapé (as notas alfabéticas do “autor” Montgolfier e as notas numéricas do “tradutor” Nunes da Matta) servirão assim para comentar (a dois tempos e a dois espaços) o quanto se opõem esses paradigmas à realidade que os dois narradores, o de nível extradiegético (português, republicano do século XX) e o de nível intradieético (francês, revolucionário do século XVIII), conhecem na Terra. Montgolfier (narrador) e Matta (autor e narrador) são politicamente moderados. Desgosta-lhes a crueldade fratricida dos revolucionários: no caso de J. Nunes da Matta, desgosta-o a evolução política da primeira República; e no de Montgolfier, a política do Terror em França, nos finais do século XVIII. Mas também detestam ambos os tiques ditatoriais dos salvadores do povo: a Montgolfier os de Bonaparte (Matta 1921: 6), a José Nunes da Matta os de Hitler ou os dos Bolcheviques (Matta 1921: 120-1).

As posições moderadas em política correspondem a uma visão moderada sobre tudo em geral, e sobre a alimentação em especial. Ambos os narradores alertam para os vícios do álcool, da carne, ou do sexo, mas ambos apresentam o sexo, o consumo do álcool ou da carne como um prazer saudável e moderado, de que ninguém deve abusar ou ser privado, seja por razões de classe grupo, ou género. Tal parece corresponder a uma visão comum na *Naturphilosophie* (cf. Gusdorf 1985), delineada no século XVIII e testemunhada ainda pelo livro do Barão de Feuchtersleben: a Natureza, nos seus extremos de construção e destruição, de razão ou emoção, gere-se violentamente por um efeito pendular e moderadamente por uma consciência da *coincidentia oppositorum*:

Nada succede na natureza que não deva suceder; a natureza está em toda a parte e sempre obedece a leis imutáveis. [...] Para que o espírito seja capaz da acção, é preciso que tenha ideias claras, a ignorância e o erro submetem-o [*sic*] às accções externas. D’onde resulta que as paixões se

desenvolvem no homem na razão inversa da sciencia, e que, quanto mais o espirito se acha esclarecido, maior é a sua actividade. (Feuchtersleben 1921: 95 e 97)

4. Natureza e Evolução

Vemos melhor se não virmos com o preconceito das coisas conhecidas (cf. Coady 2011: 120-135). Marte é um planeta semelhante à Terra, não só no clima, na fauna, na flora e na economia, como na sua base antropológica, sujeitos que foram também à evolução descrita por Darwin e à globalização dos movimentos migratórios, lidos em conjunção com a globalização dos hábitos alimentares (cf. Matta 1921: 58, 60; max. 61-63). Os Marcianos são mais altos do que os Terrestres (até porque comem melhor), mas mais baixos do que já foram (a regularidade do clima e a procriação seletiva foram dando prevalência a algumas características físicas).

Esta correspondência entre Marte e a Terra, e entre os Marcianos e os terrestres, permite a Matta, por exemplo, a defesa da teoria da evolução defendida por Darwin. Matta parece ter em vista alguns dos seus leitores, que veem a teoria de Darwin como um ataque ao antropocentrismo da criação, e talvez por isso não descarta os argumentos teológicos. Depois de apresentar os argumentos científicos dos Marcianos, Montgolfier conclui que, embora os Marcianos concordem com Darwin, mais importante do que saber se Deus criou o homem, é agir de forma digna de ter tido origem divina (*Ibid*: 28 e 63). Ora essa origem divina parece ser tão incompatível com uma política fratricida como com uma alimentação excessiva ou mal distribuída socialmente. Na natureza tudo se repete. Mas nada se repete de forma exatamente igual. Daí os paralelismos quebrados, as correspondências imperfeitas entre os planetas e entre os narradores. Na natureza e na evolução das espécies. Na natureza e na evolução civilizacional. Os homens que habitam Marte, “hoje” (1921) habitantes felizes (porque sem doenças, sem problemas de alimentação e nutridos racionalmente), foram um dia também como os habitantes da Terra são “hoje” (1921), habitantes infelizes (porque dominados pela doença, desnutridos ou mal nutridos). O que separa estas duas humanidades possíveis não é o nome do planeta ou as características

fisiológicas dos habitantes de Marte e da Terra, embora também as haja. O que distingue estas duas humanidades (a de Marte e a da Terra) não é a natureza: são as decisões políticas que as comunidades tomaram depois de terem passado por eventos não-naturais semelhantes, desde logo a experiência de uma guerra devastadora:

Há cem mil e sete anos de Marte, ou cento e oitenta e oito mil e noventa e três da Terra – época e data que para sempre ficarão [sic] memoráveis na história de Marte – duas nações vizinhas muito poderosas, uma de raça branca e outra de raça amarela, dando como pretexto uma qualquer futilidade sem importância, entraram em guerra com todo o seu respeitável poder. (Matta 1921: 69)

Não as distingue a Natureza, mas a falta de Imaginação, Vontade e Cultura Intelectual. A guerra em Marte (tal como a Guerra de 1914-1918 na Terra) tinha matado milhões de marcianos: assistira-se pela primeira vez à industrialização da guerra, com o uso da aviação, dos submarinos, de armas químicas, das metralhadoras, em trincheiras infectas³. A guerra em Marte tinha sido despoletada (como a Grande Guerra de 1914-1918) por motivos políticos levianos, disfarçados por ideais grandiosos da nação, da língua e da raça (*Ibid*: 69-72). Em Marte como na Terra, a guerra tinha provocado, incentivado e prolongado um conjunto de efeitos secundários perversos que a prolongavam ainda depois do Armistício: perante a falta de alimentos, os cidadãos agiam ainda cegos pela fome. Também em Marte a necessidade, a ignorância e a falta de higiene tinham propagado a Peste e muitas outras doenças. Também os Marcianos tinham feito falsos discursos de solidariedade, evocando *pro domo* a fraternidade, a liberdade e a igualdade. Também eles tinham pensado que os problemas globais se resolviam com soluções nacionais.

Estando as terras já bastante cansadas e sendo geral a falta de adubos, não havendo cereais, legumes e frutas que chegassem para os quatrocentos milhões de habitantes de Marte, sendo geral a falta de leite e carne devido à penúria de pastos e gados, tendo diminuído a antiga abundância de peixe em razão da destruição dos viveiros pelos nefastos aparelhos de arrasto, estando muito depauperadas as antigas e ostentosas matas seculares de Marte e quasi exaustas as ricas minas carvão e petróleo, d'um lado e do outro se formulava o atrocíssimo plano de aniquilar o inimigo, no caso de ser vencido, visto Marte ser pequeno para sustentar os povos das duas raças. (Matta 1921: 70)

Depois da Guerra, sabendo já que a escassez dos alimentos era o motor principal dos conflitos, e que até valores como a educação e a ciência podiam acentuar a desigualdade (*Ibid*: 86-9), teria sido fácil voltar à rotina dos jogos de poder entre fortes e fracos: aos jogos de submissão entre homens e mulheres, entre governantes e governados, entre patrões e operários, ou entre educadores e educandos. Reproduziram-se então os discursos libertários (tão semelhantes aos do Congresso de Washington na Terra, comenta Nunes da Matta, referindo-se talvez ao Congresso de Desarmamento do pós-guerra⁴). Repetem-se receitas fracassadas outrora. Negam-se as soluções imaginativas, “imprevistas e fora de uso”, dizendo-as por isso “absurdas” (cf. *Ibid*: 83 e 100-1). Promete-se uma vez mais o mesmo: a ausência de impostos, a eliminação das fronteiras jurídicas ou alfandegárias, como se a ausência de impostos, de controle ou de leis inviabilizasse por si só a guerra (*Ibid*: 98n).

Sob proposta de um filósofo, Constantínio, os cidadãos ouviram, discutiram, ponderaram, votaram, evoluíram. Mudaram então a sua Constituição, a sua Dieta ou regime. Mudaram por uma questão de coerência com a natureza dos homens, que nascem livres, fraternos e iguais, mas são coagidos por todo o lado a viverem sobre o jugo das leis humanas, escritas ou tácitas: “L’homme est né libre, et partout il est dans les fers” (cf. Rousseau 1996: 45). O que se procurou em Marte foi a realização pacífica dos 3 princípios da Revolução Francesa associados à Natureza: Liberdade, Fraternidade e Igualdade (*Matta* 1921: 81). Mas acima de tudo, o que se conseguiu foi aprender com os erros. O terror da Guerra serviu-lhes para mudar a forma como comunicavam ou geriam os bens alimentares ou os recursos energéticos, desvalorizando o que os distinguia e valorizando o que os unia. Sob a inspiração de Constantínio (paradoxalmente feito, como Napoleão, Imperador) implementou-se globalmente, em todo o planeta:

- a) o uso uniforme de uma língua de comunicação, uma espécie de esperanto (estrutura racional que procurasse integrar as radicais das línguas mais geralmente empregadas): para essa língua adâmica seria traduzido todo o arquivo artístico e histórico a preservar (*Ibid*: 81);
- b) uma política comum dos recursos económicos e energéticos (a terra, a água, a

eletricidade) e o desenvolvimento de energias limpas como a eletricidade, sendo o carvão ou o petróleo considerados extintos ou prejudiciais (*Ibid*: 59; 82);

c) uma desvalorização das questões ráticas ou nacionalistas, promovendo-se, durante várias gerações, o matrimónio interracial e a consciência do hibridismo de cada um (*Ibid*: 82);

d) o controlo da população, evitando-se a procriação em más condições de saúde (por esterilização provisória dos ovários) e a formação de megacidades (cf. *Ibid*: 27, 94, 101).

5. Da releitura de Malthus à releitura de Darwin

Na obra de José Nunes da Matta, é evidente a influência de *An Essay on the Principle of Population*, a conhecida obra de Thomas Robert Malthus (1798). Também ela partira da desproporção entre o número de habitantes crescente e a impossibilidade de produzir, no mesmo ritmo, alimentação que a sustentasse:

I said that population, when unchecked, increased in a geometrical ratio, and subsistence for man in an arithmetical ratio. [...] We will suppose the means of subsistence in any country just equal to the easy support of its inhabitants. The constant effort towards population, which is found to act even in the most vicious societies, increases the number of people before the means of subsistence are increased. The food therefore which before supported seven millions must now be divided among seven millions and a half or eight millions. The poor consequently must live much worse, and many of them be reduced to severe distress. The number of labourers also being above the proportion of the work in the market, the price of labour must tend toward a decrease, while the price of provisions would at the same time tend to rise. The labourer therefore must work harder to earn the same as he did before. (Malthus 1798: 18, 29-30)

Não é por acaso que José Nunes da Matta, autor e narrador, toma por referência o século XVIII: filosoficamente, ele assume-se como um discípulo dos pensadores que construíram a idade contemporânea, em rutura com o Antigo Regime. Os ideais da Revolução Francesa estão presentes nas considerações de José Nunes da Matta, ainda nas obras políticas como *O Sonho do Kaiser* (1916), ou *O Regresso, homenagem à França* (1918),

sobre os princípios em causa na Guerra de 1914-1918. Através da visão de Montgolfier, remete-nos para a leitura de Malthus, Leibnitz, Rousseau, Condorcet ou Laplace.

Mas, em 1921, a perspectiva do setecentista Montgolfier pressupõe já o contexto da industrialização agrícola, que ocorre nos finais do século XIX e princípios do século XX em muitos países da Europa. Esse novo contexto leva o autor modelo José Nunes da Matta, não só a uma releitura de um autor setecentista como Malthus, como à sua reescrita, num novo contexto científico e económico. Com efeito, em 1921, Matta cruza as teorias de Malthus com as vantagens da que será depois chamada a “Revolução Verde”, baseada na energia elétrica, aqui apresentada como solução sem resíduos (por oposição à revolução industrial do gaz e do carvão). A energia limpa da nova revolução industrial não só levaria a produzir mais alimentos como a produzi-los melhor, com menos efeitos secundários no ecossistema. A conciliação de um programa industrial com uma sociedade ecológica é constante na utopia de Nunes da Matta, ainda que lhe seja ainda estranha a palavra “ecologia” – ou a expressão “economia da natureza”, expressão já usada por Darwin, um autor que José Nunes da Matta parece conhecer bem. Veja-se, a título de exemplo, o pormenor com que Montgolfier/ Matta descreve, ao longo de duas páginas, o sistema de esgotos e reciclagem das cidades em Marte, planeta em que a oposição Cidade vs. Campo se resolve pela transformação dos resíduos em fertilizantes:

Com este engenhoso processo de adubação das terras, conseguem os Marcianos aproveitar por completo os detritos da sua alimentação que, regressando ao vastíssimo cadinho do solo, de mal cheirosos e imundos que eram, se transformam em aromáticos, nutritivos e apetecíveis alimentos. (Matta 1921: 113n)

Em Marte, tudo se reaproveita. Há uma efficientíssima indústria de reciclagem, que recupera até os resíduos da agricultura e da pecuária:

Por exemplo, os vestuários dos homens, mulheres e crianças e mais roupa, feitos das fibras e algodão das plantas e dos cabelos e pelos dos animais domésticos, e bem assim o calçado, feito duma massa pastosa leve, muito resistente e elástica, sai tudo pronto a servir das fábricas, constando o principal trabalho dos dirigentes em verificar que a execução é perfeita. (Matta, 1921: 111)

Nestes pontos, a posição de Montgolfier/ Matta difere já da de Malthus: a relação produção de alimentos e população tem agora outros dados a ponderar: a possibilidade de se aumentar a produção nos campos e de se controlar a fertilidade das mulheres.

6. Alimentação, Sexo e Eugenia

Há pelo menos um dado que julgamos muito significativo na recepção literária da utopia de José Nunes da Matta: nove anos depois, em 1930, um pintor galego/ brasileiro, Modesto Brocos, redigirá uma outra utopia, *Viaje a Marte*, claramente decalcada da *História Autêntica do Planeta Marte*, de José Nunes da Matta. Nela encontramos reflexões um tanto diferentes sobre o modelo sexual: Modesto Brocas “recua” imageticamente para a solução do convento (feminino), ainda que repensada num contexto de liberdade sexual (cf. Malato 2014a: 81-99, Jaureguizar 2009, *passim*). Parece-nos porém muito curioso o facto de ambos os autores (Matta e Brocos), na segunda década do século XX, contestarem as medidas políticas de Malthus baseadas na abstinência sexual ou na castidade conventual.

No relato de José Nunes da Matta, as medidas de castidade ou abstinência são afastadas por se considerarem violentas e ineficazes. Segundo Montgolfier, promovem, pelo contrário, a prostituição, a masturbação, a sífilis, ou as doenças nervosas/ psicológicas (cf. Matta 1921: 26-7, 83, 90-2, 105, 119). E o narrador do nível extradiegético não deixa de confirmar em nota de rodapé o pensamento de Montgolfier, sublinhando o quanto Portugal ganharia em seguir o exemplo de Marte, por ser alarmante no país o número de infetados com doenças venéreas, ou de doentes mentais (*Ibid*: 100). A esterilização permitiria, em situações previsíveis de risco, impedir a prática do aborto (voluntário ou involuntário), controlando-se com ela a propagação de doenças hereditárias e a existência de famílias numerosas em que não havia possibilidade de subsistência, por falta de alimentos:

Não há vantagem em nascer e viver quando, ao abrímos os olhos à luz da vida, desde o berço encontramos, para eternas companheiras, a fome, as misérias, as tristezas, as doenças, as pestes, as guerras, as revoltas, as greves, os rancores, ódios, invejas, etc., etc. e ainda por cima de tantos males, as crus peias à satisfação do invencível impulso do amor. (Matta 1921: 87)

1921, o ano em que José Nunes da Matta publica a *História Autêntica do Planeta Marte*, é curiosamente o ano da Segunda Conferência Internacional de Eugenia (*Second International Eugenics Conference*), em Nova Iorque. Sublinhe-se o geral entusiasmo com que a Conferência é acolhida, desde logo por muitos políticos e cientistas ocidentais (Bruinius 2006). Os programas de esterilização (pela primeira vez possíveis devido ao progresso dos conhecimentos anatómicos e das técnicas cirúrgicas) encontram-se cada vez mais associados a programas políticos de eugenia da espécie humana, mais ou menos disfarçados em programas de saúde pública. Nos anos 20 e 30 do século passado, a eugenia é um dos argumentos que mais contribui então para a glorificação da Ciência. Sendo cada vez mais polémica ao longo da década de 30, só no pós-guerra, perante a evidência dos campos de concentração nazis, se duvidará da sua bondade.

Compreensivamente, José Nunes da Matta voltará por várias vezes à questão até 1941, pelo menos, na reedição das suas *Divagações em verso*, de 1936, sobre a paz na Europa e a esterilização. Como homem de ciência, ele acredita na benevolência e no caráter pacífico do programa de esterilização que pode eliminar a fome, e controlar as doenças hereditárias. Em *Entre Dois Males* (de 1933), e depois ainda em *Miseranda Humanidade* (de 1936)⁵, Matta escreve ainda sobre o que seriam dois males menores: a entrada da Rússia comunista na Sociedade das Nações e as medidas de esterilização a implementar na saúde pública. O primeiro, porque acautelaria as intenções bélicas que, em 1933, José Nunes da Matta julga evidentes na política da Alemanha e do Japão, [...] embora sejamos de opinião que o comunismo para ser viável deve ser voluntário por parte do povo e não imposto cruelmente á força, como tem sucedido e sucede na Rússia” (Matta, 1933: 10). O segundo, porque eliminaria casos irresolúveis de pobreza, de malformação física ou de demência.

[...] é um crime de lesa-humanidade o deitar filhos ao Mundo, tendo-se de antemão ou devendo-se ter a certeza que, ao verem a luz da vida, sobre estes pobres desgraçados deve impender a nefanda condenação a torturantes sofrimentos, herdados dos pais, quasi sempre acompanhados de miséria, fome, imundície e por fim morte dolorosa e horrível, visto serem os casais pobres e miseráveis que mais abundante procriação fazem. (Matta 1933: 3-4)

José Nunes da Matta sempre considera os dois males na sua relação política. Teme a cegueira ocidental que não vê as intenções bélicas de Hitler, e se ilude com a sua política de campos de concentração. Mas, ao mesmo tempo, receia que a política de esterilização de Hitler se torne fator de engrandecimento de uma nação bélica: “Quando em 1921 iniciamos a propaganda na *História Autêntica do Planeta Marte*, ninguém pensava no assunto; e actualmente até o implacável Hitler o emprega” (Matta 1933: 4). Não podíamos deixar de sublinhar o facto de José Nunes da Matta conhecer bem, já em 1933, as políticas de esterilização e os campos de concentração promovidos por Hitler:

O que salvará o Mundo de tão grande calamidade é o facto do portentoso Hitler tencionar decretar trabalho forçado para todos os cidadãos alemães, pois que tudo o que é feito à força conduz sempre a resultados negativos. Não é com trabalhos esforçados, poderoso Hitler, que levantarás a grande nação, de que és o mentor, ao apogeu do bem estar, poder e glória, mas sim com a esterilização que, *in partibus*, já adoptaste. (Matta 1933: 11)

Matta escreve, como conclusão geral, num texto assinado a 15 de fevereiro de 1935 [sic]: “O trabalho obrigatório, à força, terá sempre o cunho e a designação de escravatura; e a própria felicidade, incansável e tremebundo Hitler, quando imposta à força, essa mesma, também tem o sabor amargo da escravatura” (Matta 1933: 11). Esta metáfora palatal, “o sabor amargo da escravatura”, dialoga, cremos, com outras metáforas gastronómicas, abundantes na *História Autêntica do Planeta Marte*. A possibilidade do mundo não realizar o que nele existe em potência é descrita, logo no início, por uma imagem alimentar: os sistemas sociais, como os físicos ou os médicos, teriam a possibilidade de “transformar em fel o néctar”, induzindo uma doença biliosa no corpo, estando a bÍlis associada à inveja e à cobiça (cf. Matta 1921: I).

Mas se essa transformação era possível, seria igualmente possível revertê-la, na natureza física como na natureza social. A questão não está pois na existência das paixões, mas na incapacidade em dominá-las, individual ou coletivamente, como bem demonstra o comportamento contido dos habitantes de Marte. A comovida paixão que Montgolfier mostra por InÍdia, a futura esposa, não deixa de ser vista como uma sublime excepção

(Matta 1921: 27-29). A serenidade anula qualquer conflito. A cobiça, o adultério, a gula são inúteis, porque tudo é igualmente bom em todo o lado. Talvez por isso o Marciano se dedique à arte: precisa que a novidade lhe saia das mãos. Esclarecia ainda o Barão de Feuchtersleben sobre a ausência do “sentimento intelectual” (Feuchtersleben 1921: 62) e o conceito de “escravidão” dos sentimentos:

Chamo escravidão à impotência que tem o homem para moderar ou dominar as paixões. E a abdicação do espírito, o qual, despojado de toda a sua força e sujeito á acção das coisas externas, se deixa arrastar para o mal, apesar de não ter perdido a consciência do bem. Como o espírito e a matéria são intimamente ligados, o corpo acha-se então entregue ao poder da natureza, de que é parte. (Feuchtersleben 1921: 97)

7. Alimentação: economia, ética e estética

“Toute cuisine révèle un corps en même temps qu’un style, sinon un monde” (Onfray 1989: 9). Ainda quando esse corpo é coletivo. A paisagem e os mapas de Marte refletem naturalmente a variedade da alimentação e a qualidade de vida dos marcianos, bem como a sensatez dos políticos em Marte. As paisagens do planeta encontram-se equilibradamente representadas por zonas de jardim, de pomar, de cearas e de hortas, não sendo de menor importância a paisagem de floresta selvagem, ainda com exemplares seculares e vigorosos de árvores que, se existissem na Terra, logo seriam cortadas (cf. Matta 1921: 15, 16, 17, 18, 47). Marte é um correto “mundo às avessas”: tudo ao contrário – comenta José Nunes da Matta, nas notas do “narrador/tradutor” – do que sucede em Portugal, onde “o culto da árvore é apenas a fingir”, como se prova pelo Dec.º 4700 de 26/6/1918, n.º 22 da autoria do “ditador Sidónio Pais”, e que os incompetentes que se lhe seguiram deixaram em vigor (cf. *Ibid*: 47n). O mesmo dirá, fora desta autoficção, José Nunes da Matta, autor de um livro sobre *A guerra à árvore pela própria lei*, publicitada na contracapa da *História Autêntica do Planeta Marte*.

De que se alimenta um Marciano? De tudo um pouco, regradamente. Terá à sua disposição (em abundância, higiene e variedade) todo o tipo de frutas e legumes,

leguminosas e cereais. Não havendo alimentos proibidos em Marte, os seus habitantes controlarão a ingestão de carne e de açúcar. Usarão como adoçante o mel. A *História Autêntica do Planeta Marte* não é uma utopia vegetariana, como muitas outras (cf. v.g., Reis 2004, Sargent 2015: 25): o marciano come algumas vezes peixe e ainda mais raramente carne, mas tem em consideração o seu valor proteico e o seu tempo ritual, próprio e excecional (Matta 1921: 102). O mel é um dos alimentos que o Marciano mais enobrece: sendo uma dádiva da natureza, de grande valor nutritivo, devem os habitantes de Marte cuidar dessa natureza, tratando das colmeias e dos espaços em que estas se desenvolvem. É enorme a importância que os marcianos dão à apicultura (*Ibid*: 60). Também neste domínio José Nunes da Matta comenta a diferença que existe entre os políticos em Marte e os portugueses. Em Portugal, estragam-se as colmeias para tirar o mel, e os políticos legisla-se atabalhoadamente sem ter em consideração a fragilidade dos processos de polinização dos campos. a apicultura (v.g., *Ibid*: 60n). O mesmo dirá, fora da autoficção, José Nunes da Matta, autor de um livro sobre *Apicultura prática mobilista*, igualmente publicitada na contracapa da *História Autêntica do Planeta Marte*.

Como se alimenta um Marciano? Devagar, insalivando bem os alimentos, tomando-lhe o gosto, sem gula, “parecendo, não animais comendo com apetite, mas químicos preparando reagentes para deitarem no cadinho do estômago” (Matta 1921: 102). O Marciano come como faz amor: com cuidado mas sem paixão, não tomando o que come como sua propriedade, desconhecendo a gula e o ciúme (cf. *Ibid*: 105).

Onde se alimenta um Marciano? Em restaurantes, salões comunitários. Não come sozinho: senta-se nas mesas públicas, onde quotidianamente todos convivem na maior fraternidade, partilhando os alimentos de que todos foram cuidando, cada um à sua maneira e no seu momento. Durante as refeições, há música e danças. Antes e depois das refeições, os espaços são preparados para reciclar os resíduos orgânicos, minimizando-se o esforço bruto e o contacto com as matérias salubres (*Ibid*: 112-4).

Quem confeciona os alimentos em Marte? Todos. Porque efetivamente todos trabalham para todos (do trabalho nos campos à reciclagem dos resíduos alimentares), alternando as funções de 4 em 4 anos. Ninguém é poupado ao trabalho manual, nem as

mulheres nem os governantes: assim aprendem a respeitar o trabalho dos outros, seja nos serviços gerais, seja nos serviços especiais, que requerem pessoal selecionado, com formação mais específica. O sentido do bem comum e a ligeireza dos trabalhos manuais (há máquinas para o amanho dos campos e lavandarias para a limpeza das roupas) justificam a geral disponibilidade (*Ibidem e p. 115*).

Porque se demora Montgolfier na descrição da alimentação em Marte? Porque há no ato da nutrição uma transversalidade da forma e do conteúdo. O livro do Barão de Feuchtersleben explicita-o: “Penetremos bem esta ideia: na pessoa humana o estado physico é a expressão do estado moral” (Feuchtersleben 1921: 17). E o relato de Montgolfier exemplifica-o: um dia, quando se sentia mais cansado, deram-lhe a beber um aromático leite de cabra, com uns preciosos bolos de creme e mel, numa taça de puro cristal – a taça em que foram servidos os alimentos faria como os bolos parte da cura (Matta 1921: 19). Para todos os marcianos era óbvio o efeito da beleza e do prazer (*Ibid*: 116-7). *Mens sana in corpore sano*, diziam amiúde os marcianos por outras palavras que não as latinas (*Ibid*: 108). O Barão de Feuchtersleben cita sobretudo Johann Casper Lavater e os seus *Fragments Physiognomoniques* (1775-1778) para demonstrar a ligação entre a beleza física e a beleza moral: a alegria, o sorriso, a saúde, tal como os tiques nervosos, a expressão do mau humor ou a doença, acabam por exercer, ao longo dos anos, uma ação permanente nos músculos e no tecido celular que mantem ou altera as proporções (Feuchtersleben 1921: 19). Na utopia de Matta, a beleza dos habitantes de Marte (masculina ou feminina) é acima do mais um sinal de saúde e felicidade. Como diria o Barão de Feuchtersleben, “o espírito tem venenos que matam o corpo, e fructos benéficos que o conservam e curam” e a natureza funciona como “um tribunal secreto” (Feuchtersleben 1921: 20 e 21).

Em Marte, os brocados não têm procura, porque os tecidos devem ser confortáveis. As joias são inúteis, porque todos podem ter o que os outros prezam. Os perfumes também se não usam, mas o melhor perfume é o que advém da limpeza e da saúde (Matta 1921: 115-6).

Considerações finais

O principal interesse dos estudos sobre a alimentação não está no estudo da alimentação por si só, mas nos estudos estruturais que o tema da alimentação possibilita, obrigando o investigador a uma prática intertextual (de cruzamento de textos literários e não literários) e interdiscursiva (de cruzamento de perspectivas científicas diversas, biológicas, estatísticas, históricas, antropológicas, filosóficas). Parece ter precisamente por principal vantagem o que é por outros visto como um defeito: a constante ponderação de diferentes tópicos, teorias e métodos (cf. Miller/ Deutsch 2009: 4). É essa indefinição ponderada que possibilita, afinal, a visão holística. Tal indefinição metodológica parece ser especialmente útil no estudo das utopias que postulam uma coerência dita “natural” entre a forma de pensar e a forma de agir:

The strength and weakness of looking at utopianism around an issue like food is that the material is generally buried in considerations of other issues. The weakness is that while you do get descriptions of meals, rarely is the point the food; in fact, there is little detail about food as food. The point will be about everything from the social structure of the society [...], or in the way labour is distributed [...], or how the food got to the table, as in those that discuss farming or life in the country and those in which food is produced chemically. The strength, and this is the strength of utopian literature, is that you see how things are interrelated [...]. (Sargent 2015: 27)

Uma análise da alimentação na *História Autêntica do Planeta Marte* parece demonstrá-lo bem. Independentemente da questão formulada, o relato de Montgolfier leva-nos a reconsiderar a *existência* de determinados sistemas sociais, económicos, políticos, éticos e estéticos. A sobreposição de pontos de vista, variáveis no espaço e no tempo, incentivam o cruzamento das informações históricas e geográficas: tal é a responsabilidade dos níveis extradiegético e intradieético da narrativa. Mas cabe à autoficção, e a consequente sobreposição dos vários níveis de credibilidade do autor modelo (autor/ narrador/ personagem), tornando mais verosímil a utopia, e levando-nos, quiçá, a reconsiderar a *inexistência* de algumas possibilidades:

Com efeito, sendo o nosso trabalho, como realmente é, a tradução rigorosa do original roubado, não havendo n'ela uma única palavra da nossa lavra, que direito nos assiste, que consciência é a nossa, para assim deixarmos no olvido o útil e interessante assunto que a todos os povos da Terra pertence e de que até agora temos sido egoísta depositário? (Matta 1921: IV)

Notes

¹ O presente artigo foi desenvolvido no âmbito do Projeto ALIMENTOPIA / Utopian Foodways, financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização - COMPETE 2020 e por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-016680 (PTDC/CPC-ELT/5676/2014) e do Programa Estratégico “Literatura e Fronteiras de Conhecimento - Políticas de Inclusão” do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (UID/ELT/00500/2013 | POCI-01-0145-FEDER-007339).

² Estes elementos biográficos se podem ler em J. A Pires de Lima (2010, *passim*). Também na Agenda-Cascais se encontrou a seguinte informação: “Na Parede instalaram-se, desde finais do século XIX, outros importantes republicanos e maçons, como João de Arriaga, João Luís Ricardo, José Lopes de Oliveira, Barbosa de Magalhães e Orlando Marçal. Também Francisco Grandella construiu a sua habitação de veraneio na Parede, sabendo-se que Bernardino Machado, António José de Almeida, Guerra Junqueiro, Gago Coutinho e Leote do Rego visitaram a localidade” (s.p., *online*).

³ “Combatia-se no ar, em todas as alturas, por meio de aeronaves blindadas que se contavam por milhares, despenhando-se, por vezes, das altíssimas regiões, agarradas umas às outras ou isoladas, ficando os aparelhos e aeronautas reduzidos, no solo ensanguentado, a massas informes. O mar cobria-se de enormes couraçados que mutuamente se despedaçavam e afundavam, no meio do ensurdecido alarido dos canhões e dos pavorosos

estampidos das granadas; enquanto nas profundezas das águas, os traiçoeiros submarinos, quasi às apalpadelas, entre si se chocavam, ficando tudo sepultado nos abismos insondáveis! Em terra, era ainda mais tremendamente horrendo esse combate violento de vinte milhões de homens de guerra, tendo à sua disposição os mais potentes maquinismos de mútua destruição. [...] O ódio, a cegueira e a desorientação eram tão grandes, no turbilhão do louco frenesi da guerra, que os combatentes chegaram a abrir galerias debaixo da terra em direção às galerias do inimigo, dando-se temíveis combates tenebrosos debaixo do solo.” (Matta 1921: 69-70).

⁴ A 1 de outubro de 1921, data em que José Nunes da Matta assina a edição da *História Autêntica* de Montgolfier ainda não tinha começado em Washington o Congresso de Desarmamento (Washington Arms Conference ou Washington Disarmament Conference), que decorreu de 12/11/ 1921 a 6/2/ 1922. Sob os auspícios da Liga das Nações, e convocada pelo presidente dos EUA, Warren Harding, para promover o desarmamento global, reuniria os países envolvidos na guerra (EUA, Japão, China, França, Grã-Bretanha, Itália, Bélgica, Holanda e Portugal), mas excluía a Alemanha e a Rússia.

⁵ Matta refere a fome, existente em Lisboa e na Parede, escondida entre quatro paredes húmidas: “E dentro deste tugúrio almoçam, jantam, choram e dormem um casal humano e cinco ou seis filhos ou mais! [...] Aqui em Parede, aonde passamos uns sete meses do ano, um carregador da estação, sífilico e alcoólico, casado com uma mulher robusta e boa criadora, fez-lhe deitar à luz da vida treze crianças infelizes, de que onze morreram ainda novinhas, torturadas por lancinantes dores e aflições. [...] um trabalhador pobre e apenas possuindo modesta choupana e uma pequena horta, em seguida ao primeiro filho, verificou que a mulher não tinha leite para o amamentar. Pois fez-lhe deitar a este mundo desassete filhos! [...] deitar ao Mundo com a certeza que hão de morrer de doença ou fome, é muito pior e muito mais criminosos do que o aborto, quando o gérmen ainda não tem sensibilidade.” (Matta 1936: 12-13).

Bibliografia

- Aristóteles (2010), *Sobre a Alma*, trad. Ana Maria Lóio, Lisboa, IN-CM.
- Barthes, Roland (1988), *O Prazer do Texto*, trad. M. Margarida Barahona, Lisboa, Edições 70.
- Booth, Wayne (1983), *The Rhetoric of Fiction*, Chicago, University of Chicago Press.
- Brocos, Modesto (1930), *Viaje a Marte*, Valencia, Arte y Letras
- Bruinius, Harry (2006), *Better For All the World. The Secret History of Forced Sterilization and America's Quest for Racial Purity*. A. A. Knopf, New York, 2006.
- Carton, Paul (1920), *Traité de Médecine d'Alimentation et d'Hygiène Naturistes*, Paris, A. Maloine & Fils.
- Colonna, Vincent (2004), *Autofiction et Autres Mythomanies Littéraires*, Paris, Tristam.
- Combe, Dr. Ad. (1917), *Comment se Nourrir en Temps de Guerre*, Lausanne/ Paris, Lib. Payot.
- Eco, Umberto (1995), *Seis Passeios nos Bosques da Ficção*, trad. Wanda Ramos, Lisboa, Difel.
- Feuchtersleben, Barão de (1921), *Hygiene da Alma*, versão portuguesa de Ramalho Ortigão, 10.^a ed., Lisboa, Parceria António Maria Pereira.
- Fitzpatrick, Joan (2013), "Food and Literature. An overview", in *Routledge International Handbook of Food Studies*, ed. Ken Albala, London/ New York, Routledge.
- Genette, Gerard (1972), *Figures III*, Paris, Seuil.
- Genette, Gerard (1991), *Fiction et Diction*, Paris, Seuil.
- Gusdorf, Georges (1985), *Le Savoir Romantique de la Nature*, Paris, Payot.
- Jaureguizar, Augustin (2009). El Viaje a Marte de Modesto Brocos, in "Arbor. Ciencia, Pensamiento y Cultura", n.º CLXXXV 740, nov.-dic. pp. 1313-1322. Disponível online: <http://arbor.revistas.csic.es/index.php/arbor/article/view/397>
- Lima, J. A. Pires de (2010), *Vice-Almirante José Nunes da Matta...*, s.l., ed. Autor.

Malato, Maria Luísa (2014a). *A Importância de Ser Simpático: duas releituras de Benito Feijoo no século XX: Pascoaes e Brocos*, in “Cuadernos de Estudios del Siglo XVIII”, Oviedo, Univ. de Oviedo/ Instituto Feijoo de Estudios del Siglo XVIII, n.º 23, pp. 81-99.

Malato, Maria Luísa (2014b). L'Histoire Véritable de la Planète Mars, Carnets: revue électronique d'études françaises (Ile série, n.º 1, 2014- volume intégral), Dir. Ana Clara Santos, Maria de Jesus Cabral, pp. 167-184, disponível online <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12364.pdf>

Malthus, Thomas Robert (1798), *An Essay on the Principle of Population*, as it affects the future improvement of society. With remarks on the speculations of Mr. Godwin, M. Condorcet and other writers, London, J. Jonhson.

Manguel, Alberto (1998), *Uma História da Leitura*, trad. Ana Saldanha, Lisboa, Presença.

Matta, José Nunes da [c/ pseud. Henri de Montgolfier] (1921). *História Autêntica do planeta Marte*, trad. José Nunes da Matta, Lisboa, Typ. Cooperativa Militar.

-- (1915), *Apicultura Pratica Mobilista*, Lisboa, Typ. Liv. Ferin.

-- (1916), *O Sonho de Kaiser: versos heróicos referentes á maldição do Kaiser, lançada por Deus, o seu grande amigo*, 2.^a ed., Lisboa, Ferin.

-- (1921b), *A Guerra à Árvore feita pela própria lei e a sua nefasta influência na agricultura e turismo*, Lisboa, Emp. Nac. de Ind. Graficas

-- (1928), *Instrução Literária e sua Influência na Educação*, [s.n.], SGE.

-- (1933), *Entre Dois Males*, Lisboa, Imp. Armada.

-- (1936), *Miseranda Humanidade*, Lisboa, Imp. Armada.

-- (1936b), *Divagações em Verso a Respeito de Duas Irmãs Gémeas: paz e esterilização*, 2.^a ed., Lisboa, Imprensa da Armada.

Miller, Jeff/ Deutsch, Jonathan (2009), *Food Studies. An Introduction to Research Methods*, London/ New Delhi/ New York/ Sydney, Bloomsbury.

- [More] Morus, Thomas (2006), *Utopia*, ed. Aires A. Nascimento, Lisboa: F. C. Gulbenkian
- Onfray, Michel (1989), *Le Ventre des Philosophes. Critique de la raison diététique*, Paris, Gasset
- Reis, José Eduardo (2004), *Irmânia*, Vila Nova de Gaia, Quasi.
- Rousseau, Jean-Jacques (1996), *Du Contrat Social ou Principes du Droit Politique*, Paris, Librairie Générale Française.
- Rota Parede Republicana*, (s.d.). Disponível online: <http://www.cascais.pt/rota/rota-parede-republicana> (acesso em 5/3/2017).
- Sargent, Lyman Tower (2015), "Everyday life in utopia: Food", *Food Utopias. Reimagining citizenship, Ethics and Community*, ed. Paul V. Stock, M. Carolan, C. Rosin, London/ New York, Routledge, pp. 14-32.
- (2016), "Food Studies and Utopia: why they need each other", *Food Futures. Ethics, Science & Culture*, ed. I. Anna S. Olsson, Sofia M. Araújo, M. Fátima Vieira, Wageningen, Wageningen Academic Publishers, pp. 25-27.

Maria Luísa Malato é Professora Associada com agregação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde lecciona Rétorica, Teatro e Literatura Europeia dos séculos XVIII e XIX; membro do grupo Inter/Transculturalidades do Instituto de Literatura Comparada (Univ. Porto), e da Sociedade Francesa de Estudos do século XVIII; vice-Presidente da Associação Portuguesa de Literatura Comparada (2013-2017). A sua bibliografia centra-se especialmente nos estudos da Literatura Comparada, mais especificamente na Retórica, Teatro e Literatura dos séculos XVIII e XIX.